

Editorial

Andréa de Oliveira Tourinho¹, Eneida de Almeida².

¹Universidade São Judas Tadeu, Brasil, prof.atourinho@usjt.br

²Universidade São Judas Tadeu, Brasil, prof.eneida@usjt.br

Os artigos desta edição especial da revista **arq.urb** estão reunidos em quatro seções, correspondentes a eixos temáticos propostos pelas editoras convidadas para esse número, as Profas. Myrna de Arruda Nascimento, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Brasil), e Ana Esteban Maluenda, Universidad Politécnica de Madrid, *Escuela Técnica Superior de Arquitectura* (Espanha), como sendo os novos paradigmas para se compreender as questões e debates colocados, na atualidade, no campo da Arquitetura, conforme anuncia o texto de apresentação: Globalidade; Sustentabilidade; Diversidade; Hereditariedade. Como resultado, é possível constatar que os artigos aqui reunidos, cada um a seu modo, oferece importantes reposicionamentos em relação a percursos metodológicos e interpretações tradicionais, encontrando os meios necessários para transpor um distanciamento ainda existente entre fundamentação teórica, reflexão crítica e prática da arquitetura.

Reunindo reflexões do Norte e Sul Global, os textos são apresentados em três idiomas - português, inglês e espanhol -, respeitando a origem de autores de diversos países, que se expressam na língua que melhor permite a sua comunicação e seus vínculos institucionais.

Três são os artigos dedicados ao paradigma da **globalidade**.

O primeiro deles, *Architecture and globalization*, de Fernando Luiz Lara, University of Texas at Austin, School of Architecture (Estados Unidos), revisita sua vasta produção dos últimos vinte e cinco anos relacionada com o tema, sob dois enfoques distintos. De um lado, aborda a disseminação da arquitetura moderna brasileira em diversas partes do mundo; de outro, ocupa-se com a difusão e popularização dos elementos do modernismo em distintas localidades do Brasil. Debruçar-se sobre esses escritos à luz de reflexões contemporâneas, permitiu ao autor reposicionar-

se frente às assimetrias recorrentes no intercâmbio de ideias entre o Norte e o Sul Global, tendentes a desprezar as epistemologias latino-americanas. Um aspecto central da discussão, segundo Lara, corresponde à compreensão abstrata do espaço que remove a realidade da mente, “colocando os homens europeus acima dela como *res cogitans* e tudo o mais abaixo como *res extensa*. Isso é o que naturalizamos como globalização”. Sendo assim, conclui que a “história está nos dizendo que perdemos algo importante quando desenvolvemos a abstração espacial e que devemos encontrar maneiras de desaprender essa relação íntima entre arquitetura e globalização”.

O segundo, *Tacos de Falafel*, de Fernando Nespral, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas (Argentina), reexamina a produção historiográfica voltada ao movimento moderno, centrada nas obras de Oscar Niemeyer. Assinala, de um lado, a esfera de influência de Le Corbusier sobre o trabalho do arquiteto brasileiro; de outro, a inspiração nos elementos da “exuberante geografia brasileira”. Essas análises mais recorrentes, sinaliza Nespral, ao reproduzir uma persistente tendência de se privilegiar a circulação de ideias e modelos provenientes do Norte Global, desconsidera a sua produção no Líbano, ou em Israel. Com o propósito de recuperar histórias esquecidas, o autor dedica-se à produção de arquitetos latino-americanos no Oriente-Médio, procurando contribuir para a construção de uma história descolonizada, empenhada em fortalecer os cruzamentos entre processos regionais e globais.

O terceiro artigo, *Geopolítica y experimentación espacial: otras narrativas de la modernidad en Guanajuato, México*, de Reina Loredo-Cansino, Universidad Autónoma de Queretaro, Facultad de Ingeniería (México), explora um cenário identificado como um conglomerado de diversidades, trocas e interpretações, relacionado ao

usjt
arq.urb

número 35 | set-dez de 2022

DOI:

<https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi35.637>

vi35.637



conceito de modernidade, naquilo que constitui uma “rede de objetos arquitetônicos, linguagens, autores, cidades, bastante diversificada”, sustentada por relações de poder conformadas por um amplo arco que vai desde a esfera geográfica, passando pela institucional, abarcando a historiográfica. A autora assinala que, desde um ponto de vista geopolítico, persiste uma tendência a se evitar a análise da arquitetura moderna a partir de estruturas mais amplas, como permitiria a observação através da lente da globalidade. Essa tendência, segundo a autora, inclina-se a produzir narrativas que se concentram nos estilos e formas adotados pelos arquitetos, de modo a configurar identidades culturais nacionais, e/ou influências canônicas de origem norte-europeia. Como forma de subverter esse percurso analítico convencional, adota o Teatro Juárez em Guanajuato, México, como estudo de caso, propondo, assim, uma inversão de rota, segundo a qual os contextos periféricos seriam referências de experimentação identitária.

A **sustentabilidade** foi abordada em outros três artigos.

Em Crise climática. Resposta social por intermédio de Habitação Social, Jan Johansson, Copenhagen School of Design and Technology, Department of Research and Innovation (Dinamarca), considera que, embora haja larga convergência no entendimento de que o desenvolvimento sustentável seja aquele que deve satisfazer as necessidades atuais sem, contudo, comprometer as gerações futuras de satisfazer as suas, o conceito de arquitetura sustentável aponta para soluções bastante díspares, que disputam não apenas uma condição de pertinência e adequação, mas, até mesmo, de uma pretensa “correção”. Ao analisar propostas de habitação social, o autor percorre os caminhos da arquitetura sustentável na Dinamarca, a partir da crise energética dos anos 1970, construindo um amplo quadro de referências, por meio do qual examina certas respostas aos incentivos públicos e privados, relacionados com condições de infraestrutura, financiamentos, e meios de inovação tecnológica, ao mesmo tempo em que aprecia as mudanças de lógicas e valores alcançadas, em concomitância com os avanços sociais.

Em Urban Ramblings, James Harty, Copenhagen School of Design and Technology (Dinamarca), transita no tempo com o propósito de colher as transformações pelas quais passaram, e pelas quais se supõe que ainda passarão, as cidades, não apenas em seus elementos físicos, mas também em suas dinâmicas e práticas espaciais, e de como essa interação pode impactar a vida dos cidadãos. As situações

analisadas permitem perceber a intensidade das mudanças provocadas pelas inovações tecnológicas e arriscar novos cenários para responder de forma minimamente responsável aos desafios ambientais com os quais nos defrontamos nos dias atuais. Mudanças, essas, que podem converter os graves problemas em catalisadores da transformação, sob uma perspectiva de correção de rumos, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida.

Em Urban Resilience, Marcelo Roméro, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Brasil), discute uma proposta metodológica para a elaboração de planos de resiliência urbana. O autor propõe inicialmente a retomada do conceito etimológico de “resiliência”, com a perspectiva de examiná-lo sob conotações mais contemporâneas, apoiado em Bausista-Puig (2022). Explora, a seguir, em detalhes, as premissas, as fases de implementação, e as condições fundamentais para se assegurar a eficácia de planos resilientes, enquanto trabalhos multidisciplinares, que devem congregiar todos os agentes da gestão da cidade, desde os entes públicos, as universidades, às organizações da sociedade civil, e os agentes da iniciativa privada. Cientes de que as cidades são organismos frágeis, em contínua transformação, submetidas a impactos graves devido às mudanças climáticas, ao aquecimento global, à escassez de recursos, às disparidades socioespaciais, o autor sinaliza que os planos de gestão não serão suficientes para gerar cidades resilientes, se não conciliarem os aspectos econômicos às preocupações sociais.

O paradigma da **diversidade** reuniu vários autores ao redor de três artigos.

O primeiro deles, Arquitectas en la primera generación de la democracia española, Madri, 1978-2008: reflexiones sobre el espacio doméstico, dos autores: Ángel Cordero Ampuero, Universidad Politécnica de Madrid, Elia Gutiérrez Mozo, Universidad de Alicante, e Héctor Navarro Martínez, Universidad Politécnica de Madrid (Espanha), dedica-se à produção de arquitetas madrilenas, voltada a projetos habitacionais, num intervalo de trinta anos, com início em 1978, período que coincide com a Transición Española, até o ano de 2008, correspondente à tão debatida crise econômica. O estudo, de caráter qualitativo, a partir de uma perspectiva de gênero, sublinha o papel da mulher na liderança de certos processos profissionais. Ao enfrentar quesitos bastante abrangentes na condução dos trabalhos, que vão desde aspectos relacionados aos programas das habitações, às tipologias habitacionais, detendo-se na organização dos espaços domésticos, as arquitetas miram a

articulação com o espaço urbano, tendo em vista potencializar as relações de sociabilidade, com a repercussão na qualidade de vida do território do entorno.

The outsider as Insider, de Kathleen James-Chakraborty, University College Dublin (Irlanda) tece uma análise comparativa entre a trajetória de Louis Kahn e Choethiel Woodard Smith, arquitetos contemporâneos cujos percursos profissionais se cruzaram e se sobrepuseram em circunstâncias diversas, ressaltando a preeminência de Kahn no cenário internacional. O relato assinala a maior facilidade de Kahn de transitar de uma posição periférica para a de prestígio, atuando em projetos de caráter monumental, que transcendem a esfera local. Por outro lado, a autora sublinha a singularidade do exercício profissional de Smith, que procurou superar a discriminação vinculada às relações de gênero, que reservavam à mulher um papel secundário no ambiente profissional, dedicando-se a atender com acuidade às necessidades cotidianas daqueles que utilizavam seus edifícios. Essa prática profissional lhe assegurou longevidade e constância em suas experiências, no que diz respeito à disposição de lidar restrições orçamentárias, sem abdicar da qualidade dos espaços e da sua adequação inserção ambiental.

Narrating women architects histories, de autoria de Hilde Heynen, KU Leuven (Bélgica), e de Lucía C. Pérez-Moreno, KU Leuven, Universidad de Zaragoza (Espanha), também se defronta com as questões de gênero e a superação das assimetrias a que são submetidas as mulheres seja no ambiente profissional, seja nos relatos historiográficos. Com base em uma ampla revisão bibliográfica, a partir desse recorte temático, as autoras discutem sobre os dilemas metodológicos das pesquisas comprometidas com abordagens feministas, assinalando a necessidade de se ultrapassar os procedimentos convencionais, distanciando-se das narrativas de figuras heroicas, para priorizar a produção social do espaço, a contextualização política e cultural que, de um lado, considere o papel dos diferentes atores sociais locais, de outro, vislumbre a sensibilização com valores de reparação e de preservação ambiental em uma dimensão planetária.

A **hereditariedade** foi abordada em dois artigos.

Ruminações recentes: reforma/reciclagem/restauro, de Carlos Eduardo Dias Coimas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (Brasil), detém-se na análise das intervenções arquitetônicas que se depararam, ao longo da história, com as preexistências, conferindo-

lhes um valor equiparável à da obra nova, convencionalmente, tradicionalmente, considerada de maior relevância na atividade do arquiteto, especialmente a partir dos tempos modernos. O autor transita pelos conceitos, suas distintas conotações, e suas aplicações em diferentes obras, tempos e contextos culturais, apontando para a amplitude da cultura disciplinar que comporta desde a “reforma fantasiosa ou reforma normal, restauro estilístico e restauro ortodoxo, criação nova e até mesmo cópia e reconstrução (como o Pavilhão de Barcelona) ou construção póstuma (como Firminy)”, uma ação que almeje sobretudo a qualidade da intervenção “enquanto firmeza, comodidade, deleite e custo”.

Hereditariedade e herança: redobrar a força, de Maria Cecília França Lourenço, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Brasil), propõe uma discussão acerca das relações entre passado e futuro por meio do aprimoramento dos legados recebidos “em bases renovadas, capazes de vislumbrar um futuro diverso, (...) um amanhã mais solar, luminoso, justo e equânime para amplo espectro social”. Não poderia ser mais oportuno o encerramento dessa edição, enquanto perspectiva que consegue amalgamar desejos, recursos e estratégias, com vistas a articular pensamentos e práticas individuais a uma dimensão coletiva, responsável, transformadora.

É com imensa satisfação que oferecemos este número denso e diversificado de contribuições para a reflexão de nossos leitores, agradecendo às editoras convidadas, pela preciosa parceria, que propiciou esta rica interlocução.